

## Apresentação

Larissa Pelúcio

Luís Antônio Francisco de Souza

Bóris Ribeiro de Magalhães

Thiago Teixeira Sabatine (Organizadores)

**Como citar:** PELÚCIO, L.; SOUZA, L. A. F. de; MAGALHÃES, B. R. de; SABATINE, T. T. (org.). Apresentação. In: PELÚCIO, L.; SOUZA, L. A. F. de; MAGALHÃES, B. R. de; SABATINE, T. T. (org.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 6-12. DOI: : <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-279-6>. p. 6-12



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## APRESENTAÇÃO

Na última década assistimos a um perceptível aumento de estudos na área de gênero e sexualidade no Brasil. Pesquisas realizadas em várias disciplinas têm apresentado temas e objetos diversificados, adensando o debate no nível teórico e metodológico. O mesmo interesse temático também é visível nos estudos sobre comunicação e mídia, terreno no qual as preocupações relativas à identidade, corpo, raça, a partir dos estudos culturais, têm aportado importantes contribuições práticas. Este contexto de ampliação numérica dos estudos e da visibilidade de novos sujeitos e “culturas sexuais” tem, por outro lado, demandado maior interlocução entre áreas próximas, exigindo intensificação do diálogo entre as ciências sociais e a comunicação social.

No intuito de promover esse debate necessário, a presente coletânea reúne pesquisas de diferentes áreas de conhecimento que utilizam o aporte teórico das ciências sociais, da teoria feminista e dos estudos culturais, entre outros, para pensar o lugar das relações de gênero e sexualidades na produção midiática contemporânea. Estas pesquisas foram apresentadas no *I Seminário Internacional Gênero, Sexualidade e Mídia: olhares plurais para o cotidiano*, organizado Departamento de Ciências Humanas (FAAC/UNESP – Bauru), Programa de Pós-graduação em Comunicação (FAAC/UNESP – Bauru), Departamento de Sociologia e Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC/UNESP- Marília), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (FFC/UNESP- Marília), Observatório de Segurança Pública da Unesp/CNPq e Observatório da Imprensa na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC/UNESP-Bauru), entre os dias 06 e 07 de outubro de 2011.

Os textos reunidos neste livro sistematizam os debates que marcaram o *Seminário*, oferecendo às leitoras e leitores um conjunto fértil para reflexões, inspirações teóricas e questionamentos metodológicos sobre comunicação e cultura. Estes têm sido termos largamente usados, permeando discussões em diversos campos do saber.

“Comunicação” quanto “cultura” compõem também o vocabulário de senso comum. Se por um lado, esse uso sinaliza a centralidade das questões que se rela-

cionam com essa vasta temática, por outro obnubila as especificidades que cercam esses debates em termos conceituais, teóricos e metodológicos. Em uma sociedade atravessada por essa maquinaria é fundamental, que se amplie campos de reflexão e debate para pensar sobre o funcionamento dessa produção, da circulação das mensagens, da recepção e nas resignificações possíveis pelas quais passam as afirmativas criadas.

A mídia, em todos seus desdobramentos, tem se mostrado um poderoso campo de produção de conhecimento, assim como de manutenção e reprodução das convenções sociais sobre masculinidades, feminilidades, orientação sexual, além de raça, classe e geração. “Enfim, os meios de comunicação refletem as profundas ansiedades de gênero que caracterizam a época atual e trabalham com essas ansiedades.” (CARVALHO; ADELMAN; ROCHA, 2007, p. 124). Responsável por um imenso volume de trocas simbólicas e materiais em dimensões globais, as narrativas midiáticas são também pedagogias culturais capazes de cristalizar ou desestabilizar noções de gênero e sexualidade.

Por outro lado, é imprescindível reconhecer a ampliação dos espaços de produção discursivas e imagéticas provocadas, por exemplo, pela intensificação do uso das diferentes plataformas disponíveis na internet. Esse contexto exige que o poder das mídias em instituir verdades e moldar o imaginário social seja relativizado e que, se tome esse espaço produtivo como segmentado, multifacetado e plural, para, assim, escaparmos das armadilhas teóricas que tendem a engessar esse campo. Como alguns estudos já apontaram o discurso mediático na sociedade contemporânea não é apenas um espaço de reprodução, mas também se apresenta como um lugar privilegiado de contestações de práticas sociais naturalizadas. Assim, sexualidade, gênero, identidade são termos políticos em disputa cada vez mais presentes na mídia.

Nos anos de 1960 as feministas provocaram uma virada epistemológica ao proporem que o pessoal é político, deslocando definitivamente para o campo do poder os debates sobre relações entre homens e mulheres, o feminino e o masculino, a violência doméstica e as questões relativas à sexualidade e o prazer.

Como elementos constitutivos das subjetividades contemporâneas, gênero, sexualidade e mídia têm pautado inquietantes questões na arena pública. O que vem demandando a elaboração de um arsenal teórico acurado para que possamos aprofundar os termos do debate, refinar conceitos e propor novas perspectivas metodológicas capazes de operar com as variadas tecnologias de comunicação hoje disponíveis e com os usos que as pessoas fazem desses recursos. Conside-

rando, ainda, indagar qual tem sido o papel das diferentes tecnologias discursivas frente às desigualdades nas relações sociais de gênero e dos direitos sexuais.

Iniciamos a coletânea com a seção **Conexões**, na qual podemos dimensionar o impacto das novas tecnologias de comunicação nas relações intersubjetivas, na constituição das afetividades contemporâneas, assim como no modo como as gerações mais novas tem lidado com o político, o criativo e o associativo.

Os contatos mediados por computador, somados agora à portabilidade, possibilitam (com suas particularidades e problemas) novas sociabilidades, ao mesmo tempo em que, reiteram antigos valores, como mostram os textos de Iara Beleli e Richard Miskolci.

O crescimento significativo da centralidade dos meios de comunicação na formação de movimentos sociais, estilos de vida e tendências comportamentais, têm encontrado nos jovens potenciais consumidores, mas também mostram sua capacidade de produtores de mensagens que, de forma nunca antes vista, se espraiam pela rede.

**Conexões** abre com o texto de Heloisa Pait, “Jovens, mídia e globalização: desafios para uma sociedade democrática”. Pait procura mostrar o potencial criativo que vem emergindo com o estreitamento dos laços entre os jovens a partir dos uso intensificado de computadores conectados. Ao conferir protagonismo aos jovens, a autora questiona a premissa social que os coloca como “ameaça” à ordem, apontando o caráter reacionário e essencializado desses temores. De maneira disruptiva, o texto vai conectando saborosamente, Facebook, Beatles e velhas estórias de família às tramas do presente, quando jovens, “exatamente por sua facilidade em criar laços”, como acredita Pait, se valem da rede para estarem juntos, disseminando ideias e, de forma otimista, mas nunca ingênua, possibilidades de mudanças.

Os espraiamentos das sociabilidades mediadas por computadores – e cada vez mais por celulares conectados, entre outros aparatos portáteis de comunicação – alimentam novas tensões e arranjos interativos entre as pessoas que, em face destas experiências, desenvolvem modos particulares de lidar com a intimidade, o corpo e o desejo.

As conexões amorosas e sexuais eclodem nas plataformas da internet, e atraem pessoas que encenam seus anseios marcadas pela interpelação dos regimes de visibilidade da sexualidade. Assim, Richard Miskolci, em “A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente” analisa as particularidades das interações entre homens que se engajam em relações homoeróticas e que em face de suas vidas públicas buscam o sigilo em relação aos seus desejos.

As tecnologias midiáticas possibilitam interações sociais que põem em evidência novos atores sociais, assim como reorganizam antigos estigmas relativos às práticas sexuais, mas que, incontestavelmente têm permitindo experimentações da sexualidade em moldes diversificados.

Neste sentido, questionando as conexões e as parceiras afetivas, amorosas e sexuais, Iara Beleli discute em “Amores *on line*” a maneira como as mulheres e os homens que procuram parcerias em sites de relacionamentos idealizam e constroem uma narrativa de si. A publicação de perfis pessoais em plataformas de encontros, redefinem suas aspirações e desejos em relação às demandas preexistentes por intimidade. A autora percebe que na busca pelo “par perfeito”, há produção de um mercado amoroso que intersecta marcadores de diferença na valorização e desvalorização de sujeitos.

Na seção **Documentações** estão reunidos artigos que trabalham com diversos tipos de mídias como importantes fontes de pesquisa para se pensar as mudanças e permanência, as reproduções e reinscrições dos temores sociais relativos a expressão da sexualidade.

Tatiana Savoia Landini e Luiz Fabiano Zanatta, no artigo “Pesquisa, ética e notícia – algumas questões sobre o noticiário da violência sexual contra crianças e adolescentes”, travam discussão a respeito da representação da violência sexual contra crianças e adolescentes na mídia impressa. O texto sublinha a forma sensacionalista e, por vezes, pouco confiável pela qual alguns setores da imprensa vêm tratando casos que envolvem violência sexual contra crianças e/ou adolescentes. Daí a preocupação dos autores com o uso pouco crítico dessas fontes acionadas para subsidiar pesquisas acadêmicas. Mais que reproduzir números e estatísticas fragilmente construídas o artigo sugere que nos procuremos em entender o porquê dessa produção e reprodução. A partir da análise de farto material, Landini e Zanatta mostram que a produção de algumas manchetes e a reverberação de dados pouco consistentes, nestes casos, atendem aos temores cada vez mais presentes relativo a agressões de caráter sexual contra menores.

Se os discursos midiáticos condenam a violência sexual, refletindo anseios coletivos frente à sexualidade infanto-juvenil, é a mídia também quem ajuda a explorar a experimentação do desejo das crianças e adolescentes, sobretudo das meninas, estimulando-as a moldar seus corpos eroticamente, argumenta Jane Felipe no artigo “‘Vinde a mim as criancinhas’: pedofilização e a construção de gênero nas mídias contemporâneas”. O artigo problematiza os jogos de internet disponíveis para meninos e meninas, e como estas tecnologias oferecem cenários e roteiros

que colaboram para a construção de relações de gênero que tornam estes corpos vulneráveis, e ao mesmo tempo, instiga novas representações e experimentações do corpo infanto-juvenil.

Um dos problemas das análises das relações de gênero e do enfoque na imprensa como fonte documental para desvelar o cotidiano, é a restrição a ideia de papéis coerentes e estáveis na qual faz supor uma clara fronteira entre homens e mulheres. A pesquisadora Lídia Maria Vianna Possas no artigo “As fronteiras: lugares móveis, de deslocamento dos sujeitos diferenciados. Rompendo os limites, buscando o não hegemônico” assinala a necessidade de desnaturalizar a ideia de uma identidade fixa de gênero, que reforça estereótipos e práticas de exclusão. A autora analisa narrativas de imprensa que circulam no século XX numa cidade do interior de São Paulo, com respeito às mulheres que enfrentam a viuvez e seu cotidiano. Assim, traz o desafio de pensarmos nas múltiplas identidades femininas em uma dimensão da cultura, em posicionamentos móveis e enfrentamentos, e no esgarçamento das fronteiras de sujeitos diferenciados.

Os textos reunidos na seção **Desafios** discutem os formatos narrativos empregados em diferentes meios de comunicação, procurando destacar em que medida esses textos expressam o modo como nossa sociedade tem transmitido e perpetuado sua cultura quando se trata de temas como sexualidade e gênero. Um dos acendimentos possíveis nesse sentido tem sido, justamente, problematizar as formas como se tem abordado esses temas e pensar os novos espaços disponíveis para a construção do nosso senso de estar no mundo.

Se vivemos em uma era imagética e de imperativo óptico como algumas vertentes da teoria da comunicação têm proposto, torna-se necessário aprofundar nossas reflexões sobre produção e recepção de produtos culturais diversos que, mais do que divertir, também atuam como tecnologias pedagógicas. O debate enfrentado nessa sessão procura, ainda, considerar as possibilidades desconstrutivas e transgressivas que a produção, apropriação e resignificação dessas narrativas podem proporcionar.

Assim, Leandro Colling, lança a questão, “Como pode a mídia ajudar na luta pelo respeito à diversidade sexual e de gênero?”. O autor assiste programas de televisão e nos oferece uma análise dos diferentes caminhos que os estudos da comunicação mantêm com a produção e pesquisa dos mesmos. Olhares desatentos elogiariam estas produções como convergentes na construção do respeito às diferenças, entretanto, a crescente visibilidade da luta das chamadas “minorias”, demanda outras metodologias de análise crítica dessas produções. Colling mostra

que os modelos clássicos de análise não oferecem ferramentas capazes de desvelarem as perspectivas heteronormativas que orientam, ao fim, as produções midiáticas. Buscar novos caminhos metodológicos nos ajudaria a fazer estudos mais atentos às liberdades e ao potencial emancipatório da politização da sexualidade e do gênero.

Temas como “gêneros/sexualidades”, “estigma/abjeção”, “adolescência/juventude”, “desejos/prazeres”, veem pautando as produções e os processos de comunicação de serviços públicos que investem na prevenção das DST/Aids. A fim de compreender as potencialidades e limites das abordagens de prevenção, Tiago Duque, em “Transmissão, fluxos e desejos: pensando sexualidades juvenis, mídia e aids” trata de elaborações midiática junto aos jovens, realizadas no Programa Municipal de DST/Aids de Campinas (SP), apontando os processos de criação e construção de ações preventivas voltadas para o público em questão.

Duque analisa a forma como esse tipo de mensagem lança feixes de poder sobre o corpo, regulando as verdades sobre os sujeitos, e indicando condutas seguras para uma vida produzida por seus preceitos. Assim, o autor problematiza o desejo como potencial agenciador da comunicação, eos limites das abordagens tradicionais que buscam dirigir essa clientela a partir de uma racionalidade técnica que parece desconsiderar a densidade das vivências cotidianas.

A apropriação e resignificação das narrativas midiáticas também podem proporcionar a incorporação e ética em vários locais contemporâneos. Marcia Ochoa no artigo “‘Sin tetas no hay paraíso’?: hacia una ética corporal transLatina”, mostra como um produto cultural, como a novela colombiana que dá nome ao artigo, pode sofrer inesperadas apropriações, gerando instigante campo para estudos de recepção. Ochoa encontra nos/nas “Translatinas”, uma ONG sediada em São Francisco (EUA) que atende às necessidades de travestis/transsexuais imigrantes sua “comunidade interpretativa”. Assistindo com esse público os 28 episódios da série, a autora desloca o olhar etnográfico do campo da epidemiologia, das questões sanitárias e se propõe a diversificar “as políticas de conhecimento nos estudos das experiências de mulheres trans latino-americanas”. Percebendo que o prazer da audiência e das discussões geradas a cada encontro tinha estreita relação com as trajetórias de vida daquelas pessoas, e o quanto podemos aprender sobre esse universo, alargando o campo dos estudos de recepção e de gênero/sexualidade.

Por fim, Thiago Teixeira Sabatine, Luís Antônio Francisco de Souza e Bóris Ribeiro de Magalhães analisam, em “Ato de coragem. Territórios e tensões entre travestis, imprensa e polícia numa cidade do interior de São Paulo”, como os dis-

cursos das mídias, o poder de polícia e a arena política mais ampla de uma cidade do interior de São Paulo interagem com as travestis, e o modo como na perspectiva dos próprios sujeitos, estas relações criam agenciamentos e resistências pelos espaços da cidade.

Lançar olhares plurais para o cotidiano significa no contexto desta publicação expressar inquietações frente às questões de gênero e sexualidade, politização do desejo, demandas por direitos e a relação de todas estas questões com as mídias. Significa também pensar nos imbricamentos dos processos de comunicação com o cotidiano. Esta coletânea manifesta nosso desejo de estreitar e compartilhar conhecimentos e resultados de pesquisa apostando na interdisciplinaridades, em abordagens críticas, mas profícuas, a fim de alargar e adensar esse campo de estudos.

Neste contexto, a coletânea amplia a sensibilidade de todo o complexo mediático aos influxos de novas ideias, a fim de propor um novo referencial para pensarmos nossa relação com as mídias.

Por fim, esta coletânea se torna possível graças ao importante apoio das instituições que financiaram o seminário, como a Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) Fundação para o desenvolvimento da Unesp (Fundunesp) e, sobretudo à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que custeou a edição deste livro. Além do inestimável envolvimento das pesquisadoras e dos pesquisadores, grupos de estudos e os Programas de Pós-graduação em Ciências Sociais (Unesp - Marília) e Comunicação (Unesp - Bauru) que estiveram direta ou indiretamente presentes no evento. Por outro lado, esta publicação não seria possível sem a inestimável colaboração do Laboratório Editorial e do Escritório de Pesquisa da FFC.

Larissa Pelúcio  
Luis Antônio Francisco de Souza  
Bóris Ribeiro de Magalhães  
Thiago Teixeira Sabatine  
(Organizadores)

## Referências

CARVALHO, Marília Gomes de; ADELMAN, Miriam; ROCHA, Cristina Tavares da Costa. Apresentação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 123-130, 2007.